

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta do Povo

Class.: 1790

Data: 23.07.90

Pg.: _____

Índios das Américas protestam

¹⁹⁰ QUITO. Os índios do continente americano pretendem protestar com veemência contra as comemorações em 1992 do V Centenário do descobrimento da América e prevêem, de acordo com suas crenças e lendas, grandes desastres dentro dos próximos dois anos no mundo inteiro.

- Em 1992 realizaremos manifestações e protestos de onde pudermos - afirmou Rose Auger, uma índia do Canadá que chegou a Quito para a reunião continental de povos indígenas que, de 17 a 22 de julho, foi realizada nesta capital com a presença de 300 representantes de 20 países, assim como de observadores de diversas organizações não-governamentais.

O encontro aconteceu na periferia de Quito, no acampamento Nova Vida, perto da aldeia da Merced, sob a égida dos índios do Equador, dos Estados Unidos e da Colômbia.

As cinco da manhã, Rose Auger presidiu cerimônia tradicional. Ao

lado do "fogo sagrado", homens e mulheres comungam com o eu e a terra e, com a taça cerimonial passando de mão em mão, os índios mastigam folhas de coca.

- O V Centenário coincidirá com cataclismas de todo tipo: terremotos, erupções, inundações - profetizou Rose.

Essa predição terrível é a interpretação de uma crença indígena: a cada 500 anos acontecem grandes transtornos que antecedem grandes modificações. É o "Pachakute", o eterno retorno, e muitos índios estão convencidos de que em 1992 renascerá a idade do ouro.

A cada 500 anos, diz também a lenda, às lágrimas da Águia do Norte, "Hanan", se misturam com as do Condor do Sul, "Urin", para dar nascimento a um "novo espírito", o da união de todos os índios.

Então, prossegue a lenda, "batalhões de homens surgirão e exporão

seu peito para rejeitar os punhais do inimigo e com suas mãos acabarão com a opressão, a exploração e a injustiça, escrevendo no céu a palavra sagrada: liberdade".

- Nosso denominador comum é a rejeição total desta comemoração (do descobrimento da América), já que nós não podemos celebrar o genocídio de tantos irmãos índios - declarou Aureliano Turpo Choquehuanca, 42 anos, chegado do Peru e que afirma ser descendente do último Inca.

No acampamento nova vida, a expressão "descobrimto da América" não tem sentido. Se fala dos "500 anos da invasão européia" e se existe algo a ser festejado são os "500 anos de resistência".

Na aldeia da Merced todos denunciam a repressão, as torturas, as prisões e pedem prioritariamente terras e o direito de aprender e ensinar suas línguas.

- Em 1992 - indica Choquehuanca -

devemos aproveitar que todo mundo estará prestando atenção em nós. Devemos divulgar nosso protesto. E preciso que os governos que organizam a comemoração reflitam sobre as consequências da invasão colonial e que apoiem nossos projetos de desenvolvimento.

Mas os projetos divergem. Turpo Choquehuanca fala de um "governo índio", capaz de conciliar homem e cosmos, mas outros vêem o futuro em termos de luta de classes. Estes receberam o apoio dos representantes cubanos e dos sandinistas.

- Existem divergências, existem tendências que querem usar o 500.º aniversário para tirar benefício político.

Muitos índios vacilam ainda entre a não-violência e a força por ocasião da chegada de 1992, uma situação que preocupa o poder no Equador, que há pouco tempo teve de enfrentar uma sublevação de sua população indígena.